



Comentário do Gestor

Março foi um mês positivo para as bolsas americanas, sustentadas por bons resultados das companhias techs e pela forte atividade econômica local. A reboque, o México foi um dos maiores beneficiados e experimentou forte valorização do seu índice de ações, CDS e moeda, pela sua proximidade geográfica e econômica dos EUA em tempos de *nearshoring*. Em relação ao mercado de juros americano, Powell confirmou a inclinação para cortes de juros para este ano, em contraste à elevada inflação de serviços, mais sensível à política monetária, e aos discursos recentes de membros do FOMC, que sugeriram volta da queda da inflação como condição para início de cortes de juros.

Além da possível reprecificação dos cortes de juros por parte do Fed, as novidades no mercado de juros internacional foram: elevação dos juros pelo Banco Central japonês, de -0,10% para +0,10%, que estava desde 2016 em território negativo; e a redução de juros pelo Banco Central Suíço, surpreendendo mercado, que esperava queda em um momento posterior. Neste mês, o debate entre qual a relação entre inflação de serviços e mercado de trabalho entrou em voga, tanto nos desenvolvidos, como nos emergentes, e se tornou um obstáculo para cortes de juros por parte dos *policymakers*.

Neste mês, o vértice de 2 anos da curva de juro americana ficou estável e o de 10 anos, fechou 5 pb (pontos base), terminando o mês em 4,20%. No mercado de renda fixa, os principais índices fecharam *spread*, enquanto o CDS brasileiro (risco país) abriu. Este foi de 126 pb para 138 pb, o *spread* do índice de bonds corporativos da América Latina, compilado pela Bloomberg, fechou de 407 pb para 386 pb, e o *spread* dos títulos americanos de alto rendimento dos EUA (*US High Yield*) fechou de 340 pb para 329 pb. O DXY (Dólar Index - cesta de moedas contra o dólar americano) ficou praticamente estável no mês, o BRL recuou 0,9%, enquanto o peso mexicano avançou 3%, assim como o peso colombiano, que subiu 2%, embalado pela elevação do petróleo.



Em relação aos mercados acionários, os desenvolvidos performaram bem: S&P 500 a +3,1%, Nasdaq a +1,8%, e EuroStoxx 50 a +4,2%, enquanto Ibovespa recuou 0,7%. Já as bolsas chinesas ficaram praticamente estáveis no mês, mesmo com queda forte do minério de ferro, de mais de 10% durante o mês. O benchmark de volatilidade do S&P 500 (VIX) recuou de 13,40 do mês anterior para 13,01 no final de março. O Brent voltou para níveis acima de US\$ 80/barril, após promessa de redução de oferta pela OPEP e conflitos no Oriente Médio. Além disso, o ouro continua rompendo máximas históricas, tanto por compras governamentais na forma de reservas, como por forma de proteção por parte dos investidores, em um mundo de maior risco geopolítico.

Nos Estados Unidos, assim como no resto do mundo, a discussão da relação entre mercado de trabalho e inflação de serviços reverbera na política monetária. Os dados de trabalho continuam fortes, com criações de vagas recorrentemente acima das expectativas (em março, foram criadas 303 mil vagas contra consenso de criação de 214 mil), enquanto oferta de trabalho, principalmente em trabalhos domésticos, pela imigração, vem se elevando, ajudando a aumentar oferta de trabalho. Porém, essa nova leva de imigrantes adicionados à força de trabalho vem provocando pressão na inflação de serviços, por gastos maiores com consumo. O núcleo do CPI de fevereiro ficou em 3,8% a/a, em queda em relação a 3,9% a/a do mês anterior, mas acima do consenso de 3,7% a/a.

Em relação a atividade, continua resiliente, em desaceleração marginal, e a terceira revisão do PIB do 4º trimestre mostrou crescimento de 3,4% t/t anualizado, acima da leitura anterior de 3,2%, puxado por gastos dos consumidores e pela revolução da IA. Já em relação à política monetária, Powell indica quedas de juros neste ano, com inflação acima da meta não sendo empecilho. Na reunião do FOMC durante o mês, o comitê manteve as taxas de juros, em linha com consenso. Mais recentemente, porém, membros do FOMC têm sido bem transparentes quanto a necessidade de ver novamente queda da inflação para cogitarem início dos cortes de juros.

No resto do mundo, a China continua com meta de crescimento de 5%, mesmo com queda do setor imobiliário, e mudança demográfica pressionando mudança estrutural da economia, indo para uma economia de consumo. Além disso, continua a ser exportador de deflação,

principalmente no setor de siderurgia/mineração, inundando o mundo com produtos chineses baratos, excedentes de produção, principalmente devido à queda da atividade local. No Japão, o BoJ elevou os juros e encerrou oito anos de taxa negativa, com um dos principais motivos sendo um acordo do maior sindicato do país para elevação dos salários. A instituição decidiu por 7 votos a 2 elevar os juros de referência de -0,1% para uma faixa de zero a 0,1%.

A Europa parece mais perto do início do corte de juros, que acontecerá, provavelmente, em junho, como já indicado por alguns membros. O CPI local tem uma leitura mais benigna, com núcleo a 2,9% a/a. Como evento antecedente, o SNB cortou os juros em 0,25%, surpreendendo mercado, e levando os juros a 1,50%, sendo o primeiro dos desenvolvidos a iniciar o ajuste monetário.

Pela América Latina, ativos mexicanos e colombianos performaram bem, com o México se beneficiando do *nearshoring*, enquanto a Colômbia se beneficia pela alta do petróleo no mês. O Banxico iniciou o corte de juros, indo de 11,25% para 11,00%, em linha com consenso e parcimônia da instituição, sempre atento ao Fed. Já o BanRep (Banco Central da Colômbia) acelerou a velocidade e cortou 50 pbs, levando juros a 12,25%, depois de duas quedas anteriores de 25 pbs.

No Brasil, a atividade vem surpreendendo, assim como dados do mercado de trabalho, como corroborado no último Caged, com criação de aproximadamente 300 mil vagas em fevereiro, bem acima do consenso. Surpresas arrecadatórias também vêm postergando potencial revisão da meta de déficit primário, que deve ocorrer em maio. Do lado negativo, as dificuldades políticas para reoneração de municípios e Perse, que podem complicar a recomposição de receitas e prejudicar o fiscal. Além disso, o preço do minério de ferro, soja e milho estão em queda (apesar da alta mensal), prejudicando arrecadação.

Em relação à política monetária, o IPCA registrou 4,50% a/a, mas com inflação de serviços, mais sensível à política monetária, rodando ainda a níveis elevados. As projeções futuras continuam ancoradas e o Banco Central cortou os juros em 0,50%, em linha com consenso, retirando o *forward guidance* de duas quedas de mesma intensidade, o que foi bem-visto pelo mercado, mostrando maior cautela por parte da instituição.

Um ponto de destaque foi o conflito na Petrobras, entre Jean Paul Prates e a ala desenvolvimentista, representada por Rui Costa e Alexandre Silveira. Uma rusga antiga entre Silveira e Prates vem sendo realimentada, com o primeiro em busca de menos dividendos e mais CAPEX da empresa, enquanto o segundo prefere uma visão mais alinhada ao mercado. Nas crises recentes, Silveira sempre ganha no noticiário e arena política, porém as decisões finais de Lula, vão a favor de Prates, exceto o caso recente dos dividendos, que será revertido agora. Com acúmulo de desgastes, Prates está em situação mais frágil e sua potencial saída seria visto de maneira negativa pelo mercado.

Desempenho do fundo

O fundo teve rentabilidade de 1,38% no mês, ante CDI de 0,83%. Nos últimos 12 meses, o fundo valorizou 16,28%, contra um CDI de 12,36%, equivalente a 132% do CDI. A volatilidade para esse mesmo período ficou em 3,64%. O fundo está com sua *duration* consolidada em 5,5 anos e uma carteira de bonds com *yield* de 7,81% em dólares. As maiores posições do fundo são: Brasil (soberano), Banorte, Cosan, Pemex e Tupy.

Salientamos que o fundo está bem posicionado para enfrentar os desafios de curto e médio prazos e que nossa gestão continua especialmente ativa, pronta para agir caso o cenário corrente se desvie de nossas expectativas de mercado.

OBJETIVO DO FUNDO

O fundo Octante Crédito Privado II FIC FIM IE prevê a aplicação de no mínimo 95% do seu PL nas cotas do Octante Crédito Privado Master FIM IE, que tem como objetivo rendimentos superiores ao CDI no longo prazo, através de investimentos em *bonds* corporativos e soberanos da América Latina, concentrado em Brasil, com proteção cambial.

HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

Retornos mensais	Fundo	CDI	%CDI
Desde o início	47,01%	36,59%	128%
Últimos 12 meses	16,69%	12,36%	135%
mar-24	1,39%	0,83%	167%
fev-24	1,39%	0,80%	174%
jan-24	0,22%	0,97%	23%
dez-23	3,68%	0,90%	409%
nov-23	3,77%	0,92%	410%
out-23	-0,37%	1,00%	-
set-23	-0,37%	0,97%	-
ago-23	0,36%	1,14%	32%
jul-23	2,90%	1,07%	271%
jun-23	1,64%	1,07%	153%
mai-23	-0,02%	1,12%	-
abr-23	1,04%	0,92%	113%

Retornos anuais	Fundo	CDI	%CDI
2024	3,03%	2,62%	116%
2023	13,78%	13,05%	106%
2022	14,54%	12,37%	118%
2021	4,76%	4,40%	108%
2020*	5,54%	0,36%	1542%

*desde 22/10/2020

PÚBLICO ALVO

O fundo se destina a receber, exclusivamente, aplicações de investidores qualificados.

ESTATÍSTICAS DO FUNDO

% de Meses de Retorno Positivo	69,0%
% de Meses de Retorno Negativo	31,0%
Volatilidade no Mês (Anualizada)	1,57%
Volatilidade 12 Meses (Anualizada)	3,25%
Índice Sharpe 12 meses	1,33
Valor da Cota em 28 de Março de 2024	6.433,24
PL em 28 de Março de 2024	62.910.097
PL Médio (12 meses)	61.052.645
PL do Master em 28 de Março de 2024	112.935.076
Yield da Carteira de Bonds em USD	7,81%
Duration Média Consolidada	5,50 anos

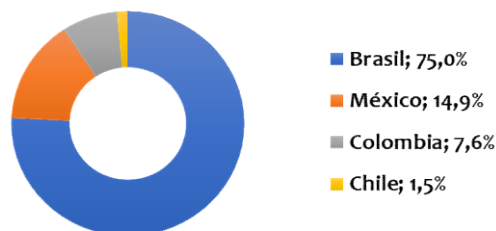
RENTABILIDADE HISTÓRICA

INFORMAÇÕES GERAIS

Investimento Mínimo	R\$ 250.000,00
Movimentação Mínima	R\$ 1.000,00
Taxa de Administração*	1,00% ao ano
Taxa de Performance	20% do que exceder 100% do CDI
Classificação Anbima	Multimercados Investimento no Exterior
Horário limite para aplicação	14:00 horas
Cota do Resgate	D+28 dias corridos
Pagamento do Resgate	D+2 da cotização
Banco	Itaú Unibanco (341)
Agência	8541
Conta	45546-8
CNPJ	35.727.113/0001-78
Favorecido	Octante Crédito Privado FIC II FIM IE
Gestor	Octante Gestão de Recursos Ltda
Administrador	INTRAG
Custodiante	Banco Itaú S.A.
Auditor	PWC
ISIN	BR05L4CTF000

*Taxa de administração total de 1.01% a.a., sendo 0,51% a.a sobre o Octante Crédito Privado II FIC FIM IE, acrescido de 0,50% sobre o Octante Crédito Privado Master FIM IE

As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FGC. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura e a rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial dos emissores responsáveis pelos ativos do Fundo.

COMPOSIÇÃO POR PAÍSES


Composição por país da carteira de bonds

COMPOSIÇÃO SETORIAL
